

A SEMANA – 197*

8 de março de 1896

No tempo do romantismo, quando o nosso Álvares de Azevedo cantava, repleto de Byron e Musset:¹

A Itália! sempre a Itália delirante!
E os ardentes saraus e as noites belas!²

a Itália era um composto de Estados minúsculos, convidando ao amor e à poesia, sem embargo da prisão em que pudessem cair alguns liberais. Há livros que se não escreveriam sem essa divisão política, a *Chartreuse³ de Parme*, por exemplo; mal se pode conceber aquele conde Mosca senão sendo ministro de Ernesto IV de Parma. O ministro Crispi não teria tempo nem gosto de ir namorar no Scala de Milão a duquesa de Sanseverina. Era assim parcelada que nós, os rapazes anteriores à tríplice aliança e apenas contemporâneos de Cavour,⁴ imaginávamos a Itália e passeávamos por ela.⁵

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 68, p. 1, 8 mar. 1896), SEMMA (p. 296-301) e SEM1953 (v. 3, p. 123-129). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Georges Gordon Noel Byron (1788-1824) – ver nota n. 12 da crônica “A Semana – 183”, neste número da *Machadiana Eletrônica*. Louis Charles Alfred de Musset (1810-1857), poeta e dramaturgo francês. Machado de Assis tinha grande afinidade com sua obra, o que o levou a traduzir o poema “Lucie”, com o título “Lúcia” (incluído em *Crisálidas*, 1864). O poema é uma elegia publicada pelo poeta francês em 1835 na *Revue des Deux Mondes* (MUSSET, 1835, p. 617-620). A tradução machadiana pode ser lida na *Machadiana Eletrônica* (v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55, jan.-jun. 2020). A afinidade a que nos referimos, reconhecida por seus contemporâneos, fez com que dois amigos de Machado de Assis, Artur Azevedo, em 1883, e Carlos Magalhães de Azeredo, em 1897, lhe enviassem ramos de um salgueiro plantado no túmulo do poeta, no Père Lachaise, em Paris. (ASSIS, 1969, p. 115-122)

² Versos do poema “Itália” (1851), de *Lira dos vinte anos*. (AZEVEDO, 2000, p. 143-145) Os dois poetas citados, Byron e Musset, tiveram grande afinidade com a Itália, o que ficou documentado em suas obras.

³ *Chartreuse*] *chartreuse* – em GN.

⁴ Cavour,] Carvour, – em GN e em SEMMA. Acatamos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

⁵ *La Chartreuse de Parme*: obra de Stendhal, pseudônimo do romancista francês Henri-Marie Beyle (1783-1842). Conde Mosca: personagem do romance, amante da duquesa de Sanseverina, primeiro-ministro do príncipe Ernesto IV de Parma. Francesco Crispi (1818-1901), ocupou o cargo de primeiro-ministro da Itália em dois momentos: 1887-1891 e 1893-1896. Parece-nos que o cronista estabelece uma oposição entre o personagem do romance de Stendhal (conde Mosca) e o primeiro-ministro Francesco Crispi – oposição que, metonimicamente, se estenderia à Itália em dois momentos históricos distintos: a Itália “parcelada”, e a Itália unificada. A “tríplice aliança” foi o acordo militar entre Alemanha, Áustria-Hungria e Itália, assinado em 20 de maio de 1882. Camilo Benso, conde de Cavour (1810-1861), primeiro-ministro da Itália em 1861. Nesse ano, sob a liderança de Cavour, de Giuseppe Mazzini (1805-1872) e de Giuseppe Garibaldi (1807-1882), o processo de unificação da Itália (*Risorgimento*) se consolidou.

Agora a Itália é um grande reino,⁶ que já não fala a poetas, apesar do seu Carducci,⁷ mas a políticos e economistas, e entra a ferro e fogo pela África, como as demais potências europeias. O grande desastre desta semana, se foi sentido por todos os amigos da Itália, é também prova certa de que a civilização não é um passeio, e para vencer o próximo imperador da Etiópia é necessário haver muita constância e muita força. Os italianos mostraram essa mesma opinião dando com Crispi em terra, – por quantos meses? Eis o que só nos pode dizer o cabo, em alguma bela manhã, ou bela tarde, se a *Notícia* se antecipar às outras folhas. Quanto à guerra, é certo que continuará e o mesmo ardor com que o povo derribou Crispi saudará a vitória próxima e maiormente a definitiva.⁸ Cumpra-se o que dizia o poeta naqueles versos com que Machiavelli⁹ fecha o seu livro mais célebre:

Che l'antico valore
Negl'Italici¹⁰ cuor non è ancor morto.¹¹

Nós cá não temos Menelique, mas temos o câmbio, que, se não é abexim como ele, é de raça pior. Inimigo sorrateiro e calado, já está em oito e tanto e ninguém sabe onde parará; é capaz de nem parar em zero e descer abaixo dele uns oito graus ou nove. Nesse dia, em vez de possuímos trezentos réis em cada dez tostões, passaremos a dever os ditos trezentos réis, desde que a desgraça nos ponha dez tostões nas mãos. Donde se conclui que até a ladroeira acabará. Roubar para quê?

⁶ reino,] reino – em SEMMA e em SEM1953.

⁷ Carducci era o mais importante poeta da época na Itália. Sua obra *Odi barbare* (1877), em que emprega metros bárbaros, inspirou a Carlos Magalhães de Azeredo, grande amigo de Machado de Assis, todo um livro em versos longos, as *Odes e elegias* (1904). (TRINDADE, 2014)

⁸ O cronista faz um paralelo entre a Itália do passado (romântica) e a do presente (de “políticos e economistas”), conforme observamos na nota n. 5, a partir d’A *Cartuxa de Parma*. Machado de Assis volta ao tema da “Primeira Guerra Ítalo-Etiópe” (1895-1896), vencida pelo país africano – ver “A Semana”, 185 (15 dez. 1895) e 195 (23 fev. 1896), neste número da *Machadiana Eletrônica*. Nesta semana, os italianos foram vencidos pelos abexins (etíopes), liderados por Menelique (1844-1913), na Batalha de Ádua (março de 1896). Em consequência da derrota, caiu o gabinete do primeiro-ministro Francesco Crispi. Os jornais publicavam diariamente telegramas com informações atualizadas do conflito entre Itália e Abissínia [Etiópia]. Num dos telegramas do dia 6 mar. 1896 (ano XII, n. 66, p. 1, col. 2-3), publicados na *Gazeta de Notícias*, lê-se: “A desolação é geral na Itália. Receia-se que o corpo expedicionário tenha sido completamente aniquilado.”; e em outro: “Agora que se conhece uma parte da dura verdade sobre os últimos acontecimentos da Abissínia, pelo relatório do general Baratieri, que já foi publicado pela imprensa italiana, aumentou ainda mais a hostilidade contra o homem nefasto a quem se atribui o desastre de 1º do corrente [março], no Tigre [região da Etiópia]. / A voz pública acusa Crispi de ser o autor, pois o general Baratieri só pode ter agido por ordens suas.” A derrota italiana é noticiada pelo cronista com pesar. Edoardo Bizzarri escreve que dificilmente um nacionalista italiano poderia ter “escrito com maior ardor e entusiasmo; e o fato resulta tanto mais expressivo, quando se considera que em relação a outras nações Machado sempre se demonstrou decididamente contrário e hostil a toda forma de colonialismo e imperialismo”. (BIZZARRI, 1965, p. 128)

⁹ Machiavelli] Machiavello – em GN e em SEMMA. Acatamos a lição de Aurélio.

¹⁰ Negl'Italici] Nell'italici – em SEM1953. Preservamos a forma que vem na *Gazeta*.

¹¹ Nicolau Maquiavel encerra o livro *O Príncipe* com os seguintes versos de Francesco Petrarca (1304-1374): “*Virtù contro a furore / prenderà l'arme; e fia el combatter corto; / ché l'antico valore / nell'italici cor non è ancor morto.*” (MAQUIAVEL, 2010, p. 56 e 62); “A virtude tomará armas contra o furor e será breve o combate; pois o antigo valor ainda não está morto nos corações italianos.” [Tradução de Lívio Xavier]

O mal do câmbio parece-se um pouco com o da febre amarela, mas, para a febre amarela, a magnésia fluida de Murray,¹² que até agora só curava dor de cabeça e indigestões, é específico provado neste verão, segundo leio impresso em grande placa de ferro. Que magnésia há contra o câmbio? Que Murray já descobriu o modo certo de acabar com a decadência progressiva do nosso triste dinheiro e com as fomes que aí vêm, e os meios luxos, os quartos de luxo, e outras consequências melancólicas deste mal?

Um economista apareceu esta semana lastimando a sucessiva queda do câmbio e acusando por ela o ministro da fazenda. Não lhe contesta inteligência, nem probidade, nem zelo, mas nega-lhe tino e, em prova disto, pergunta-lhe à queima-roupa: Por que não vende a estrada Central do Brasil? A pergunta é tal que nem dá tempo ao ministro para responder que tais matérias pendem de estudo, em primeiro lugar, e, em segundo lugar, que ao Congresso Nacional cabe resolver por último.¹³

Felizmente, não é esse o único remédio lembrado pelo dito economista. Há outro, e porventura mais certo: é auxiliar a venda da Leopoldina e suas estradas. Desde que auxilie esta venda, o ministro mostrará que não lhe falta tino administrativo. Infelizmente, porém, se o segundo remédio pode concertar as finanças federais, não faz a mesma coisa às do Estado do Rio de Janeiro, tanto que este, em vez de auxiliar a venda das estradas da Leopoldina, trata de as comprar para si. Cumpre advertir que a eficácia deste outro remédio não está na riqueza da Leopoldina, porquanto sobre este ponto duas opiniões se manifestaram na assembleia fluminense. Uns dizem que a companhia deve vinte e dois mil contos ao Banco do Brasil e está em demanda com o Hipotecário, que lhe pede seis mil. Outros não dizem nada. Entre essas duas opiniões, a escolha é difícil. Não obstante, vemos estes dois remédios contrários: no Estado do Rio

¹² Magnésia de Murray: medicamento amplamente divulgado em jornais da época, e já mencionado pelo cronista (ver “A Semana – 190”, 19 jan. 1896, neste número da *Machadiana*). A *Gazeta de Notícias* do dia 17 de março de 1896 (ano XXII, n. 79, p. 1-2) traz uma longa matéria intitulada “As drogas e as novas tarifas”. Em linhas gerais, a matéria discute o tabelamento de preços de produtos farmacêuticos estrangeiros; em determinado momento, recomenda-se que os “produtos farmacêuticos devem ser classificados segundo a sua natureza e nunca conforme o nome de seu autor. [...] O que quer dizer classificar-se na tarifa em artigo especial a magnésia fluida de Murray? Acaso a magnésia de Murray perde a classificação que lhe deve ser dada, de acordo com o princípio acima, pelo simples fato de ser de Murray? Haverá quem possa negar que a magnésia fluida de Murray é uma solução medicinal de bicarbonato de magnésia, congênera de muitas outras que existem entre nós? Logo, só o abuso, ignorância ou antipatriótico espírito de proteção podia fazer com que a magnésia de Murray tivesse uma classificação especial em nossa tarifa, furtando-se à regra de uma classificação científica.”

¹³ O ministro da fazenda à época (1895-1896) era Francisco de Paula Rodrigues Alves (1849-1919). Na *Gazeta de Notícias* (ano XII, n. 61, p. 3, col. 6, 1º mar. 1896), lê-se: “Um ministro de finanças e ilustrado, sem comprometer mais a responsabilidade do tesouro, faria vir ao país o ouro estrangeiro. / A primeira medida a aconselhar ao presidente da República é a venda da estrada de ferro Central. Encarada por qualquer lado vê-se que não é só de vantagem, é uma *necessidade pública*. / Só poderá opor a esta grande medida os politíqueiros da Capital Federal, que querem ter a cabresto os 12 mil empregados. Mas essa gente tem sido verdadeiros *fardos* da República, deve-se pô-los fora a bem de todos. / A estrada Leopoldina aí está pedindo intervenção enérgica, sem o que continuará a deter o progresso das riquíssimas zonas que lhe estão monopolizadas.”

a compra da Leopoldina é necessária para que a administração tome conta das estradas, ao passo que a venda da Central é também necessária para que o governo da União não a administre. *Vérité en deçà, erreur au-delà*.¹⁴

Neste conflito de remédios ao câmbio e às finanças, invoquei a Deus, pedindo-lhe que, como a Tobias, me abrisse os olhos. Deus ouviu-me, um anjo baixou dos céus, tocou-me os olhos e vi claro.¹⁵ Não tinha asas; trazia a forma de outro economista, que publicou anteontem uma exposição do negócio assaz luminosa. Segundo este outro economista, a compra da Leopoldina deve ser feita pelo Estado do Rio de Janeiro, porque tais têm sido os seus negócios precipitados e ilegais (emprega ainda outros nomes feios, dos quais o menos feio é mixórdia) que não haverá capitalistas que a tomem. Não havendo capitalistas que comprem a Leopoldina, cabe ao Estado do Rio de Janeiro comprá-la, atender aos credores, e não devendo administrar as estradas, “porque o Estado é péssimo administrador”, venderá depois a Leopoldina a particulares. Foi então que entendi que a verdade é só uma, *en deçà*¹⁶ e *au-delà*; a diferença é transitória, é só o tempo de comprar e vender, *ainda com algum sacrifício*, diz o economista! No intervalo mete-se uma rolha na boca dos credores. Sabe-se onde é que os alfaiates põem a boca dos credores.¹⁷

Talvez algum americanista, exaltado ou não, ainda se lembre da palavra de Cleveland quando pela segunda vez assumiu o governo dos Estados Unidos. A palavra é *paternalismo* e foi empregada para definir o sistema dos que querem fazer do governo um pai. Cleveland condena fortemente esse sistema; mas ele nada pode contra a natureza. O Estado não é mais que uma grande família, cujo chefe deve ser pai de todos.¹⁸

Aliviado como fiquei do conflito, abri novamente o último livro de Luís Murat e pus-me a reler os versos do poeta. Deus meu, aqui não há estradas nem compras, aqui

¹⁴ *Vérité en deçà, erreur au-delà*.] *Verité en-deçà, erreur au-delà*. – em GN; *Vérité en-deçà, erreur au-delà*. – em SEMMA; *Vérité en-deçà, erreur au-delà*. – em SEM1953. No original das *Pensées*, de Blaise Pascal (1891, p. 61): “Plaisante justice qu’une rivière borne! Vérité au-deçà des Pyrénées, erreur au-delà.”; “Agradável justiça que um rio limita! Verdade de um lado dos Pireneus, erro do outro.” [Trad. livre, nossa] (Ver também crônica de 13 fev. 1889 de “Bons dias!”, in: ASSIS, 2008, p. 238; e crônica de 21 jan. 1894 de “A Semana – 87”, in: ASSIS, 2018, v. 1, n. 2, p. 42).

¹⁵ Tobias 11,7-14. (BÍBLIA, 2003, p. 676)

¹⁶ *en deçà*] *en-deçà* – em GN, em SEMMA e em SEM1953.

¹⁷ A matéria intitulada ENCAMPAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO LEOPOLDINA (assinada pelo “Sr. A. A.”), publicada no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 66, p. 1-2, 6 mar. 1896), traz as seguintes passagens que contêm trechos usados pelo cronista: “a administração pública [é] um péssimo administrador”, “Com a mixórdia que tem havido [...] será difícil encontrar capitalistas que queiram arriscar-se a efetuar a compra [...] pelo valor que a estrada de ferro realmente tem.” e “Se, pois, mesmo com algum sacrifício, o Estado tivesse de fazer a encampação e revenda da Leopoldina, creio que isto seria a contento e em benefício do Estado em primeiro lugar e do país em geral”.

¹⁸ Stephen Glover Cleveland (1837-1908) foi presidente dos Estados Unidos por duas vezes, em 1885-1889 e em 1893-1897. Gustavo Franco (2007, p. 205) diz que “paternalismo” pode ser entendido como “o nosso patrimonialismo”. Machado de Assis voltará a esse assunto em “A Semana – 216” (19 jul. 1896), neste número da *Machadiana*.

ninguém deve um real a nenhum banco, a não ser o banco de Apolo; mas este banco empresta para receber em rimas, e o poeta pagou-lhe capital e juros. Posto que ainda moço, Luís Murat tem nome feito, nome e renome merecido.¹⁹ Os versos deste segundo volume das *Ondas* já foi notado que desdizem do prefácio; mas não é defeito dos versos, senão do prefácio.²⁰ Os versos respiram vida íntima, amor e melancolia; as próprias páginas da *Tristeza do Caos*, por mais que queiram, a princípio, ficar na nota impessoal, acabam no pessoal puro e na desesperança.

O poeta tem largo fôlego. Os versos são, às vezes, menos castigados do que cumpria, mas é essa mesma a índole do poeta, que lhe não permite senão produzir como a natureza; os passantes que colham as belas flores entre as ramagens que não têm a mesma igualdade e correção. Luís Murat cultivava a antítese de Hugo como Guerra Junqueiro;²¹ eu pedir-lhe-ia moderação, posto reconheça que a sabe empregar com arte.²² Por fim, aqui lhe deixo as minhas palavras; é o que pode fazer a crônica destes dias.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

¹⁹ O poeta já tinha um alentado ensaio publicado sobre sua obra: Sílvia Romero – *Luís Murat: estudo*, 1891.

²⁰ Em resenha bibliográfica intitulada “‘Ondas’ II”, publicada na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 62, p. 1, col. 6, 2 mar. 1896), Olavo Bilac havia escrito: “Houve quem achasse contradição entre o lirismo do livro e o tom a um tempo arrogante e desesperado do prefácio [...] a arrogância e o orgulho não ficam mal a quem tem a consciência do alto destino da sua missão de poeta: [segue uma citação de versos de Baudelaire]”. O trecho pontilhado entre colchetes substitui pequeno trecho ilegível na *Gazeta*. O próprio Murat, no prefácio ao segundo volume das *Ondas* (1895), afirmou: “Entre nós, mais do que em qualquer outro país, a poesia deve ser a AGONIA DO DESESPERO.” O desespero do poeta tem colorações políticas, contra a “monarquia degenerada dos Braganças” e contra “a ditadura sanguinária da espada”. No tocante à arrogância, podemos citar dois trechos: 1º “Eles [os sentimentos expressos nos poemas do livro] condensam, na mais alta expressão do termo, a alma humana *com todas as suas vacilações, com todas as suas dúvidas*.” (grifo nosso) 2º “Este livro é a consequência lógica da dúvida filosófica que o inspirou, e da revolta torturada contra o meio político em que vive o seu autor, e a injustiça da sociedade que o perseguiu pelo crime de *haver modelado, caprichosamente, alguns versos que darão à sua pátria um certo relevo artístico na hora solene em que os cronistas futuros pasmarem*, boquiabertos, à margem da estrada sombria, por onde desembestou, aos guinchos, a eloquência muar daqueles que constituindo-se os senhores da nação, se julgam seus maiores filhos.” (grifo nosso) Luís Murat esteve preso durante a Revolta da Armada, em que apoiava os revoltosos. (MENEZES, 1978, p. 471)

²¹ Guerra Junqueiro;] Guerra Junqueira; – em GN.

²² Ubiratan Machado (2021, p. 365-366) diz que Luís Murat (1861-1929) “tornou-se inimigo póstumo de Machado. Ignoram-se os motivos de uma reviravolta tão radical.” Nesta crônica, Machado de Assis critica um tanto severamente, mas com urbanidade, o segundo volume de *Ondas* (1895).

Referências

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 68, p. 1, 8 mar. 1896. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13767>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Bons dias!* Introdução e notas de John Gledson. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Organização: Alexei Bueno; textos críticos: Jaci Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BIZZARRI, Edoardo. Machado de Assis e Dante. In: *O meu Dante*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-brasileiro, 1965 (Caderno 5), p. 133-144.

FRANCO, Gustavo. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Tradução de Lívio Xavier. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2010.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MURAT, Luís. *Ondas*. II. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1895.

MUSSET, Alfred de. Lucie. *Revue des Deux Mondes*, tome deuxième, quatrième série, Paris, Au Bureau de la Revue des Deux Mondes, p. 617-620, 1835.

PASCAL, Blaise. *Pensées*. Paris: Librairie de Firmin-Didot, 1891.

ROMERO, Sílvio. *Luís Murat*: estudo. Rio de Janeiro: G. Leuzinger, 1891.

SATIN, Ionara. *A Itália de Machado de Assis*: um olhar de cronista. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2018. [Tese de Doutorado em Letras]

TRINDADE, Rafael. *Transposição de metros clássicos em língua portuguesa*: histórico e estudo do caso das *Odes e elegias*, de Carlos Magalhães de Azeredo. Araraquara: Unesp, 2014. [Dissertação de mestrado] Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/123199>>.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.